

Abjeto negacionismo



Por ANTÔNIO DAVID*

A nota da CONIB é um ataque desonesto à política externa brasileira, pois nega o genocídio palestino, omite o extremismo do governo Netanyahu e tenta silenciar quem denuncia a violência da extrema direita israelense, repetindo a lógica colonial que oprime Gaza há décadas

1.

A Confederação Israelita do Brasil (CONIB) divulgou no último dia 23 de julho uma [nota](#) na qual acusa o governo brasileiro de romper com a “tradição de equilíbrio e moderação” de sua política externa, que teria enveredado para o “extremismo”.

A nota foi divulgada poucos minutos após o [anúncio](#), pelo Itamaraty, de que está em fase final a participação formal do Brasil no [processo movido pela África do Sul contra Israel junto à Corte Internacional de Justiça](#), com base na Convenção para a Prevenção e Repressão do Crime de Genocídio. A nota da CONIB é desonesta, arrogante e apenas revela o viés político de extrema direita da entidade.

Desonesta porque insiste na esdrúxula tese de que o que o governo de Israel tem feito em Gaza reduz-se apenas e tão somente a uma “luta para se defender” daqueles que representam uma ameaça à existência de Israel - o Hamas e seus aliados -, e de que a “responsabilidade” pelas mortes dos palestinos em Gaza, que a CONIB chama de “trágicas”, seria exclusivamente do Hamas, que “iniciou esse conflito” e que “usa” os palestinos como “escudos humanos”.

Com isso, a CONIB exime totalmente o governo israelense da responsabilidade pelo massacre em Gaza, a despeito de as mortes serem causadas por armas israelenses. Desonesta igualmente porque omite em seu comunicado o número de mortes (mais de 50 mil), mas também porque não se trata apenas de mortes, mas da submissão de todo um povo a inúmeras formas de violência, física, moral e psicológica, no que se inclui o uso da fome como arma de guerra.

Desonesta porque omite as inúmeras tomadas de posição de membros do governo israelense e de indivíduos e grupos em Israel que pedem aberta e publicamente, todos os dias, o assassinato de todos os palestinos, [inclusive bebês](#), e [muito antes do massacre de 7 de outubro de 2023](#). Genocídio não é apenas ir às vias de fato na eliminação física de um povo, mas é a ação que mantém todo um povo sob permanente estado de violência sistêmica porque se o considera digno de sofrimento e matável.

[É a forma mais degenerada do que o geógrafo israelense Oren Yiftachel chama de etnocracia](#). Nesse sentido, é repulsivo ler a nota quando, no dia anterior à sua divulgação, a ministra da Ciência, Tecnologia e Inovação de Israel, Gila Gamilel, postou um [vídeo em sua conta na rede social X na qual, usando inteligência artificial, retrata uma Gaza reconstruída como Riviera, e um texto na qual afirma: “Somos nós ou eles!” \(אנו – אנחנו או הם!\).](#) Não há outro nome para essa tomada de posição que não limpeza étnica.

a terra é redonda

Teria sido relevante se a CONIB se manifestasse sobre essa declaração, e sobre tantos outros posicionamentos fascistas, em Israel e fora de Israel, em favor da extrema-direita israelense, mas a CONIB oportunamente opta por silenciar, o que é o mesmo que ser cúmplice.

Desonesta porque pretende iludir o leitor ao argumentar que o Hamas poderia encerrar “imediatamente” o massacre (que a nota eufemisticamente chama de “conflito”) por meio da libertação dos reféns e de sua rendição. Todos sabem que o Hamas é uma ideologia e, como tal, não é suscetível de “rendição”: se, hipoteticamente, todos os militantes se renderem, no dia seguinte haverá outros novos militantes.

A CONIB leva o leitor a erro ao sugerir que o objetivo do atual governo israelense é a rendição dos militantes do Hamas, quando [o objetivo declarado é a expulsão dos palestinos da região](#).

A esse respeito, a CONIB poderia levar em consideração a insuspeita opinião do ex-secretário de Estado norte-americano Anthony Blinken, que em [entrevista concedida recentemente](#) reconheceu que a pretensão de se eliminar o Hamas é equivocada. A CONIB omite que a estratégia de sucessivos governos israelenses (não todos) de subjugar a Autoridade Palestina para não ter de negociar um estado palestino - ponto igualmente destacado por Anthony Blinken - foi determinante para o crescimento do Hamas, segundo o mantra “dividir para conquistar”. Quero crer que ninguém acusará Anthony Blinken de jogar a favor do Hamas.

Denunciar e combater a extrema direita israelense não é ser a favor do Hamas, da mesma maneira que denunciar e combater o Hamas, seus métodos, e seu objetivo de criar um estado palestino teocrático e expulsar todos os israelenses da região, seu execrável antisemitismo, não é ser a favor do Likud, Shas, Otzma Yehudit ou qualquer outro grupo fascista em Israel, que igualmente expõem abertamente e com orgulho seus preconceitos contra os palestinos, preconceitos estes tão execráveis quanto o antisemitismo. Apenas pessoas muito limitadas intelectual, cultural, moral e politicamente pensam em termos binários: “somos nós ou eles”.

É óbvio que uma parte das pessoas que defendem a causa palestina no Brasil e no mundo advoga em favor do Hamas e pela expulsão de todos os israelenses da região, ou sua aniquilação, como se os judeus não tivessem um vínculo histórico com a região tanto quanto os palestinos e como se não fosse possível a paz entre os povos.

Quanto a essas pessoas, só posso dizer que suas opiniões e tomadas de posição são tão estúpidas quanto [àquelas que chegam ao ponto de negar a existência dos palestinos](#), e que essas pessoas são tão fascistas quanto o fascista Benjamin Netanyahu ou o fascista Itamar Ben-Gvir ou o fascista Bezalel Smotrich ou qualquer outro fascista em Israel, dentro e fora do atual governo - para os quais a CONIB lamentavelmente passa pano. Todos se complementam e se fortalecem em seus fascismos. No fundo são o mesmo.

Finalmente, a nota da CONIB é desonesta por usar o Holocausto como pretexto para acusar de “falsa” e “perversa” a denúncia de genocídio por iniciativa da África do Sul junto à Corte Internacional, [que a recebeu e emitiu mandato de prisão](#) contra o primeiro-ministro de Israel, Benjamin Netanyahu e o ex-ministro da defesa de Israel, Yoav Gallant, além do comandante militar do Hamas, Mohammed Deif.

Perverso é o argumento de que, porque “o termo genocídio foi criado justamente para definir o Holocausto”, então não é genocídio o que estamos testemunhando em Gaza. Será perverso e falso considerar o genocídio armênio um “genocídio”? Ou o genocídio em Ruanda um “genocídio”?

A história não deu uma carta branca ao governo israelense para fazer o que quer, como quer e quando quer contra o povo palestino, tampouco um direito exclusivo. Sobretudo, o Holocausto não deveria ser evocado para a dissimulada justificativa de crimes de guerra, políticas de limpeza étnica e genocídios, e [usá-lo para esse fim é que é um abjeto atentado à memória das vítimas e sobreviventes](#).

a terra é redonda

As vítimas do regime nazista, judeus e outros, foram vítimas antes de tudo do abominável preconceito de que são matáveis, de que não mereciam viver, de que deveriam sofrer e morrer. Se a CONIB não fechasse os olhos para a intenção do governo israelense de criar um campo de concentração no sul de Gaza, eufemisticamente nomeado “[cidade humanitária](#)”, talvez veria perversidade não na ação movida pela África do Sul junto à Corte Internacional, mas no lugar onde a perversidade realmente acontece.

2.

A nota da CONIB opera com inversões. É a CONIB que desconhece equilíbrio e moderação e que recai em extremismo ao dissimuladamente se prostas ao lado da extrema-direita israelense. Ao acusar o governo brasileiro de “demonizar Israel”, a CONIB torna indistintos o país Israel dos indivíduos Netanyahu e os demais fascistas que foram acusados - não por acaso, trata-se da mesma estratégia argumentativa, da mesma falácia, usada por Benjamin Netanyahu para se defender perante os tribunais israelenses: acusar a mim é prejudicar Israel. *L'Israel c'est moi*.

Ocorre que “Israel” designa um país, que, como todos os países no mundo, é dividido. Em Israel há indivíduos e grupos que defendem a democracia e os Direitos Humanos e há indivíduos e grupos que atacam a democracia e os Direitos Humanos. Há direita e há [esquerda](#), e na esquerda há [jovens que se recusam a participar do massacre em Gaza](#). E há a extrema direita, que governa Israel. Não por acaso, a Corte determinou a prisão não de “Israel”, mas de dois indivíduos israelenses, cada qual com nome e sobrenome.

A CONIB é a favor da extrema direita israelense, mas dissimula essa posição, fazendo o leitor a crer que Israel é uma sociedade homogênea e indivisa, quando na verdade é recortada por divisões. É a CONIB que “distorce fatos” e “adota narrativas falsas”, não apenas pelo que diz, mas também, e sobretudo, pelo que oportunamente omite, pelo que silencia.

A nota da CONIB é arrogante quando afirma que o suposto “rompimento da longa amizade e parceria do Brasil com Israel” é uma medida que “não tem o apoio do povo brasileiro”. A CONIB não é porta-voz do povo brasileiro. Mas sequer da comunidade judaica no Brasil a CONIB é porta-voz, pois também essa é dividida, tanto quanto o povo brasileiro e o povo israelense.

A CONIB se faz de porta-voz da extrema direita judaica no Brasil e da extrema direita israelense, e se faz por escolha própria, porque escolheu um lado. Assim como no Brasil uma parte escolheu o lado da extrema-direita brasileira, e em Israel uma parte escolheu o lado da extrema direita israelense. Quanto à “amizade e parceria” entre Brasil e Israel, ela só será rompida se os planos do fascista e corrupto Benjamin Netanyahu de acabar com a já precária democracia (etnocrática) em Israel e de fazer do Estado de Israel a extensão direta de seus ideais fascistas se concretizarem. Quero crer que em Israel haja grupos, movimentos e instituições que o impeçam.

3.

Em sua nota, a CONIB fez questão de nomear não apenas o presidente Lula, mas também seu assessor especial para assuntos externos, Celso Amorim. Essa estratégia argumentativa soa como um ato falho. Ao nomear seus desafetos - que sempre defenderam a solução de dois estados -, a CONIB nada mais fez do que indicar, como de praxe dissimuladamente, com quem a entidade guarda relação de afeição.

Um dos indivíduos por quem a CONIB tem afeição é, como todos sabemos, um inominável ex-presidente, agora réu em um processo judicial no qual é acusado de golpe de Estado e outros crimes, menos graves do que os crimes de Benjamin Netanyahu e seus cúmplices, mas ainda assim graves, e que enquanto presidente dizia apoiar incondicionalmente “Israel” - leia-se, o governo encabeçado por Netanyahu e a extrema direita israelense.

a terra é redonda

Acaso a CONIB dirá que a acusação criminal contra esse indivíduo equivale a “demonizar o Brasil”? Não surpreenderia, pois esse é o discurso dos apoiadores do inominável, que chamam a si mesmos de “patriotas”. É típico da extrema direita dissimular-se a si mesma, apresentando-se como porta-voz de toda a nação.

Não é demais lembrar que esse mesmo indivíduo, antes de ser eleito presidente, ainda em 2017, [vomitou ofensas contra quilombolas](#) em um evento social perante membros da comunidade judaica do Rio de Janeiro, reunidos no clube Hebraica. Naquela ocasião, a CONIB se posicionou publicamente e, em [nota](#), disse “[defender], de forma intransigente, os valores da democracia e da tolerância e o respeito absoluto a todas as minorias”, mas não fez qualquer menção explícita às palavras ditas naquela noite.

Talvez a entidade tenha sido mais suave na ocasião do que agora porque a palestra “produziu divisão e confusão na comunidade judaica”. Foi a palestra que produziu a divisão, ou a divisão já existia e a palestra apenas a escancarou? A participação do Brasil na ação junto à Corte Internacional não produz igualmente “divisão e confusão” na comunidade judaica?

Seja como for, lamentáveis mesmos foram os risos de alguns na plateia naquela noite, em flagrante cumplicidade com o racismo descarado do palestrante. O [jornal O Estado de S. Paulo noticiou](#) que, ao final, ele “foi muito aplaudido e ouviu gritos de apoio, sendo chamado de ‘mito’ por parte da plateia”. Os risos e aplausos de parte da plateia também foram um infame atentado à memória das vítimas e sobreviventes do Holocausto e de todos os genocídios já praticados, pois todos nascem exatamente assim, dessa maneira. Já outros, judeus e não judeus, protestaram.

PS: Depois que este texto foi escrito, foi noticiado, no dia 25 de julho, que, por decisão do presidente Lula, o Brasil deixaria a Aliança Internacional para a Memória do Holocausto (IHRA). A adesão à iniciativa deu-se no governo anterior. Em que pesem as críticas ao entendimento do que é antisemitismo no âmbito da IHRA – que torna equivalentes antisemitismo e críticas políticas legítimas ao governo Israelense e a grupos políticos e indivíduos dentro e fora de Israel –, considero essa decisão um erro político.

Tanto quanto o país Israel, e IHRA é um campo de batalha, onde entendimentos e visões diferentes estão em confronto, e sair da Aliança é contribuir para jogar a luta contra o antisemitismo no colo da extrema direita. A decisão fortalece exatamente os fascistas que têm a pretensão de falar em nome de todo povo israelense (e de todos os judeus) – portanto, fortalece o governo de Benjamin Netanyahu –, contribuindo ainda mais para o isolamento e silenciamento da esquerda judaica, dentro e fora de Israel. Consequentemente, enfraquece a luta central neste momento, que é a denúncia e o combate ao massacre em Gaza.

*Antônio David é professor do Departamento de História da Unicamp.